

# Programas robustos podem reduzir mortes maternas

Notícias, Ciência, Ambiente e Tecnologia, 13.09.2021, Pág. 42. Ed. 31.401



Há necessidade de se traçar estratégias para melhorar a saúde das mulheres no país

**O** CONHECIMENTO das causas biológicas e sociais é apontado como importante para o direccionamento de estratégias de prevenção e redução da mortalidade materna.

O posicionamento foi defendido por Sheila Nhachungue, investigadora do Insti-

tuto Nacional de Saúde (INS), que falou sobre as causas da morte materna no contexto das XVII Jornadas Nacionais de Saúde, realizadas semana passada na cidade de Maputo.

A investigadora referiu que para prevenir as mortes maternas os programas de assistência pré-natal e de

parto institucional precisam ser fortalecidos, para garantir que todas as mulheres grávidas sejam atendidas nos hospitais.

Apesar de se observar um aumento na procura pelos cuidados de saúde, a maioria das mulheres morre ainda fora da unidade sanitária. Nhachungue apontou que

acções conjuntas dos profissionais de saúde, dos órgãos comunitários e da população são necessárias para assegurar que apenas mulheres com um estado de saúde estável tenham alta e posteriormente sigam as recomendações médicas.

Segundo dados do Inquérito Demográfico de Saúde 2011 (IDS), actualmente o rácio de mortalidade materna é de 408 por 100 mil nados vivos. O sector da Saúde pretende que até 2023 o número possa reduzir para 272 por 100 mil nados vivos.

A mortalidade materna é a morte de uma mulher durante a gravidez ou no prazo de 42 dias após o parto, por qualquer causa relacionada ou agravada pela gestação ou seu tratamento, mas não por causas acidentais ou incidentes. Constatam das principais causas intra-hospitalares de morte materna as hemorragias obstétricas, transtornos hipertensivos e outras complicações.

“Resultados de um estudo realizado em 2019 indicam que as principais causas de morte materna fora da unidade sanitária foram sempre relacionadas a gravidez, com cerca de 40,8 por cento dos casos, aborto 7,4 e hipertensão induzida pela gravidez 4,37 por cento”, sublinhou.